Viso · Cadernos de estética aplicada

Revista eletrônica de estética

ISSN 1981-4062

Nº 15, 2014

<http://www.revistaviso.com.br/>

Viso.

**Schiller e a insuficiência
constitutiva do ingênuo**

Verlaine Freitas

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte, Brasil

RESUMO

Schiller e a insuficiência constitutiva do ingênuo

Esse artigo é uma réplica ao texto de Giorgia Cecchinato intitulado "Sobre o interesse sentimental para o ingênuo em Schiller a partir de uma nota sobre Kant".

Palavras-chave: ingênuo – Schiller – interesse – Kant – impulso – Fichte – arte – educação

ABSTRACT

Schiller and the Essential Insufficiency of the Naive

This paper is a critical response to Giorgia Cecchinato's "On Sentimental Interest for the Naive in Schiller Based on a Note about Kant".

Keywords: Naive – Schiller – interest – Kant – impulse – Fichte – art – education

FREITAS, V. "Schiller e a insuficiência constitutiva do ingênuo". In: *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. VIII, n. 15 (jan-dez/2014), pp. 230-235.

DOI: 10.22409/1981-4062/v15i/187

Aprovado: 11.07.2014. Publicado: 31.01.2015.

© 2014 Verlaine Freitas. Esse documento é distribuído nos termos da licença **Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional** (CC-BY-NC), que permite, exceto para fins comerciais, copiar e redistribuir o material em qualquer formato ou meio, bem como remixá-lo, transformá-lo ou criar a partir dele, desde que seja dado o devido crédito e indicada a licença sob a qual ele foi originalmente publicado.

Licença: http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR

Accepted: 11.07.2014. Published: 31.01.2015.

© 2014 Verlaine Freitas. This document is distributed under the terms of a **Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International** license (CC-BY-NC) which allows, except for commercial purposes, to copy and redistribute the material in any medium or format and to remix, transform, and build upon the material, provided the original work is properly cited and states its license.

License: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

O texto de Giorgia Cecchinato “O ingênuo é interessante? Reflexões sobre o ingênuo e o sentimental a partir de algumas notas referentes a Kant” faz uma ótima apresentação de questões relativas ao texto *Poesia ingênua e sentimental* de Friedrich Schiller. Seu fio condutor é o conceito de natureza como princípio e fundamento de ação, de modo de ser, de percepção do outro e da natureza, por um lado, e de produção e apreciação estéticas, por outro. Está em jogo avaliar o quanto a imediatidade presente no conceito de natureza implica maior ou menor valor não apenas para as produções artísticas, como também para o conceito filosófico do ingênuo. É precisamente essa dificuldade de valoração que está implicada pelo título principal do artigo: que interesse filosófico possui um conceito de ingênuo que parece, ele mesmo, ingênuo?

Considerando que todos os textos estão presentes por completo nesta edição, vou me abster de resumir as ideias principais do texto de Cecchinato, passando a tratar de problemas suscitados em sua argumentação e, naturalmente, decorrentes de nossa própria leitura dos textos de Schiller e Kant, bem como de Nietzsche.

Na parte inicial do artigo (texto original enviado antes do Encontro do GT), lemos que o mais problemático no texto de Schiller seria “o caráter de não reflexividade que caracteriza o operar do gênio ingênuo e o efeito da arte ingênua”. De fato, a cada passo da argumentação do poeta-filósofo, vemos sua peculiar insistência na necessidade de a natureza operar de forma cega, imediata, nas produções de toda arte que se pretenda verdadeiramente como tal. Paradigmática desta posição é a sua tese, citada por Cecchinato, de que “todo verdadeiro gênio é ingênuo, ou gênio não é”. Ocorre que esta imediatidade, em todos os momentos em que o ingênuo é delineado, nunca é capaz de determiná-lo integralmente, desde a ingenuidade das ações até a produção da poesia grega. De diversas formas e em diversos graus, o ingênuo significa de certa forma uma natureza reencontrada, vivida em sua aparência suficientemente convincente de abstração de toda a artificialidade, reflexão forçada, astúcia etc. Se, de alguma forma — seguindo este princípio geral de que o gênio sempre deverá ser ingênuo em seu princípio formativo, de produção, mais próprio — conclui-se que a poesia sentimental também é ingênua, tem-se, por outro lado, que a poesia ingênua deverá não apenas se realizar através do sentimento — como se vê tanto em Schiller quanto no comentário de Cecchinato —, mas também deverá ser “sentimental” nesse sentido mais elementar de que a natureza nunca será capaz de definir o princípio de configuração artístico-estética na globalidade de seus momentos. O princípio de nossa análise pauta-se, nesse cenário, pela perspectiva de o ingênuo ser insuficiente em sua literalidade, em sua consumação neste núcleo conceitual que gravita ao redor da noção de natureza reencontrada em sua imediatidade através de seus modos de ser e nas formas de sua plasmação possível nas artes.

Nesse instante, parece-nos significativo invocar não apenas as fontes da conceituação de Schiller, mas também um autor que não apenas o comentou, mas inseriu uma reflexão original sobre este aspecto, a saber, Nietzsche, em seu *O nascimento da*

tragédia. Segundo o filósofo, toda a aparência de ingenuidade na poesia de Homero deve ser vista como uma vitória por sobre forças profundas na alma humana e vivenciadas no plano da cultura grega. A resplandecência de todos os costumes e do panteão das divindades olímpicas deve ser lida, já em sua própria constituição poética, através da derrota impingida aos poderes arcaicos e subterrâneos dos titãs. Se o ingênuo é marcado pela *harmonia*, e este é um ponto sistematicamente enfatizado por Cecchinato, seria oportuno lembrar-nos de Heráclito, para quem a mais bela harmonia surge dos opostos. Só existe um verdadeiro *cosmos* na medida em que existe *pólemos*: harmonia seria, assim, sempre um *polemo-cosmos* na experiência helênica codificada poeticamente nas epopeias. Sem recorrer imediatamente ao conceito de dionisiaco — ou seja, sem utilizarmos a tessitura própria dos argumentos nietzchianos —, podemos dizer que o universo homérico, ao plasmar a atitude tanto olímpica quanto da nobreza grega, somente adquire sua aparência de ingênuo no contexto de guerras, intrigas, sofrimentos e naufrágios. A *Ilíada* está constituída integralmente por uma trama de interesses, enganos, sacrifícios, manobras traiçoeiras, e a *Odisseia* nos mostra um herói cujo princípio mais próprio é o da capacidade de sobreviver por sua astúcia, por lograr as divindades ancestrais ao cumprir os “contratos” mitológicos em uma literalidade tal que os corrói e os revoga “por dentro”. Se, como salienta Cecchinato, existe um parentesco do ingênuo com o sublime devido a haver em ambos uma inversão de sentimentos, na poesia homérica esta aproximação se dá de forma mais direta, em virtude de que o brilho da evidência de harmonia é o *ponto de chegada*, ao se atravessarem forças, princípios e obstáculos antagônicos, conflituosos, que não deixam espaço para se conceber a grandiosidade de Homero através de uma suposta imediatidade. Assim, voltamos ao título do artigo: que interesse o conceito de ingênuo pode ter para nós?

De meu ponto de vista, trata-se de um interesse histórico-filosófico. Ao ser formulado, ele codifica o instante de seu desaparecimento, de sua problematização, que tende a diluí-lo em um contexto em que a natureza deverá ceder lugar ao espírito, em sua força de constituição histórica do real, como princípio motor íntimo do fazer estético. Ele demarcaria a emergência de um romantismo que traz em si todo o turbilhão de elementos díspares e múltiplos que conduziram, algumas décadas depois, ao advento da arte moderna. A mescla inescapável do ingênuo e do sentimental, como vemos claramente no artigo de Cecchinato, deve ser lida, segundo pensamos, como um indício da impossibilidade constitutiva do ingênuo, no momento em que este é elevado a conceito filosófico. Em outras palavras, a evidenciação teórica do ingênuo demonstraria o quanto a natureza é insuficiente, por princípio, como mola propulsora íntima/interna do fazer artístico. De forma análoga a como a tonalidade na música, ao se instituir com toda clareza na obra de Bach, já contém um germe de sua dissolução, em virtude do princípio de modulação, de alternância das tonalidades, o enraizamento conceitual do ingênuo na naturalidade já sempre é colocado em xeque pela própria recusa da natureza como ímpeto total para conformação do artefato. Devemos nos lembrar que o conceito de gênio não é equivalente ao de artista, pois significa apenas e tão somente o talento deste último ao realizar uma obra. Este precisa de diversas outras habilidades, incluindo

algumas bastante materiais e mecânicas, a serviço de uma composição total — a própria obra de arte — que está longe de refletir apenas o ímpeto de genialidade original e supostamente criativa por impulso natural/inconsciente.

Ao refletir sobre a insuficiência reflexiva do ingênuo, Schiller nos induziria a ver que, na verdade, é ingênuo pensar que a arte possa se constituir sem reflexão, mas também nos leva a concluir que esta é um elemento integral da arte, no sentido de que a interioridade subjetiva a ser refletida na obra não é a da natureza: é a da substância histórica de constituição do sujeito como um espiritual-cultural. Claro está que, no âmbito desta reflexão primeira do romântico, a perda de relação com a imediatidade da natureza deverá ser falada como déficit, e sua repercussão na obra, como lamento. Ora, será precisamente este movimento resultante do olhar retrospectivo do sujeito sobre si e sobre seu mundo que vai pautar a consciência histórica como uma mola propulsora de uma nova estética, a saber, a do sublime, que incorpora um princípio estético muito significativo para os românticos, a saber, o da ironia, tal como vemos em Friedrich Schlegel. Nesse momento, a reflexividade, que já havia sido colocada como princípio do juízo de gosto em Kant, é tomada como fundamento e alma de toda a produção poética. O devir incessante dos significados da experiência com a poesia nos leva a tomar o estético como uma eterna ultrapassagem do confinamento a que nos submetemos em nossa situação empírica e cotidiana. A leitura de Nietzsche da tragédia será uma consequência brilhante deste movimento de transbordamento das fronteiras de nossa naturalidade. O conceito de Schiller do ingênuo é significativo, entre outros motivos, por demarcar um importante ponto de inflexão entre uma harmonia natural reencontrada e toda essa trajetória de auto-consciência da arte de sua reflexividade sublime.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialektik der Aufklärung. Philosophische Fragmente. Gesammelte Schriften*. v. 3. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1997.
- KANT, I. *Kritik der Urteilskraft*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft Darmstadt, 1982.
- NIETZSCHE, F. W. *Die Geburt der Tragödie*. Berlin: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1999.
- SCHILLER, F. “Über naive und sentimentalische Dichtung”. Hamburg: Reclam, 2002.

* Verlaïne Freitas é professor associado do Departamento de Filosofia da UFMG.

¹ Esta é, em linhas gerais, a interpretação feita por Adorno e Horkheimer do périplo de Ulisses; cf. o capítulo “Ulisses, ou mito e esclarecimento” da *Dialética do esclarecimento*.